

**O EDUCAR PELA PESQUISA NA SOCIEDADE
DO CONHECIMENTO**

Cristiane da Silva Umbelino (UNB)

cristiane.umbelino@hotmail.com

Maria de Jesus Castro de Oliveira (UNB)

majesuscastro@hotmail.com

RESUMO

Vários são os estudos que têm procurado analisar as diferentes formas de ensino e aprendizagem e as concepções dos educadores, sobre o processo de aquisição de dados, fundamentos e noções, dentro da sociedade do conhecimento, que tem como foco o capital humano que é o grande produtor de qualquer tipo de informação. Antes, o professor como único detentor de conhecimento, tinha posse da informação e a transmitia da melhor forma, sejam dados históricos, números, leis, dentre outros. E o aluno era receptor de uma única mensagem, a qual ele deveria decifrar e devolver ao primeiro que a usaria como forma de avaliação da aprendizagem daquilo que foi transmitido. Como sujeitos inseridos dentro da sociedade da informação e do conhecimento, no intuito de realizar e tornar a pesquisa cotidiana, é necessário discutir a leitura além de aspectos como fomentação deste conhecimento, pois ela é parte intrínseca deste processo. Fatores como seu papel na compreensão linguística, leitura como forma de diferentes interpretações de um conteúdo, são premissas básicas para um pesquisador. Devemos ir além e potencializar o que confere subsidiar a leitura a favor do professor e do estudante.

Palavras-chave:

Ensino. Literatura. Sociedade.

ABSTRACT

Several studies have sought to analyze the different forms of teaching and learning and the conceptions of educators, about the process of data acquisition, fundamentals and notions, within the knowledge society, which focuses on human capital is the great Of any kind of information. Before the teacher as sole holder of knowledge, he had possession of the information and transmitted it in the way that suited him best, be it historical data, numbers, laws, among others. And the student was the recipient of a single message, which he would have to decipher and return to the first one that would use it as a way of evaluating the learning of what was transmitted. As subjects inserted within the information and knowledge society, in order to carry out and make everyday research, it is necessary to discuss reading as well as aspects as fomentation of this knowledge, since it is an intrinsic part of this process. Factors such as their role in linguistic understanding, reading as a form of different interpretations of a content, is a basic premise for a researcher. We must go beyond and enhance what makes teaching in favor of the teacher and the student.

Keywords:

1. Introdução

Vários são os estudos que têm procurado analisar as diferentes formas de ensino e aprendizagem e as concepções dos educadores, sobre o processo de aquisição de dados, fundamentos e noções, dentro da sociedade do conhecimento, que tem como foco o capital humano que é o grande produtor de qualquer tipo de informação.

Segundo (SQUIRRA, 2005, p. 65), “há que se refletir se estamos em uma sociedade do conhecimento ou ao menos numa sociedade da informação”. Na atual configuração social, a humanidade deixa suas bases originais na agricultura, posteriormente na manufatura e industrialização, para ingressar na economia da informação, na qual a manipulação da informação é a atividade principal.

Seguindo a linha de pensamento do autor, entendemos que o sujeito dessa sociedade deve então atuar como um instrumentador e utilizador da informação, viabilizando os dados de forma a relacioná-los e aplicá-los, usando todos os recursos existentes e disponíveis, relacionado com as transformações sociais, culturais, econômicas e dominante com a inovação tecnológica.

Antes o professor como único detentor de conhecimento, tinha posse da informação e a transmitia da forma que melhor lhe convencionasse. E o aluno era receptor de uma única mensagem, a qual ele deveria decifrar e devolver ao primeiro que a usaria como forma de avaliação da aprendizagem daquilo que foi transmitido.

Hoje, o estudante tem acesso a todo tipo de mensagem ou dado que ele queira, e este deve saber como acessar essa mensagem, compreender e interpretá-la, deixando de ser passivo e transformando-se no sujeito que busca, aprende, apreende e compartilha essa interpretação através da construção do conhecimento, o que sugere Demo:

É o questionamento e a aprendizagem de teor reconstrutivo que envolve teoria e prática, promotora de um sujeito capaz de história própria, com o desafio de aprender mais do que ensinar. (DEMO, 2006, p. 59)

O Educar pela pesquisa vem ao encontro deste percurso, uma vez que seu critério diferencial dentro da pesquisa é sempre a busca pelo conhecimento, sendo o pesquisador, autor de sua história, que será construída, por meio desses estudos, considerando as singularidades de cada indivíduo dentro de seu contexto social.

2. A língua portuguesa no educar pela pesquisa

O ensino de Língua Portuguesa ao longo do tempo, tem sido tema de várias pesquisas e debates sobre como tratar este ensino, no que se refere ao estudo da leitura, escrita e estudo deste signo linguístico. Elencada como disciplina básica na formação do sujeito, que está inserido dentro do contexto do letramento, abordar questões que envolvam esta área, deve ser feito de forma cautelosa e com embasamento teórico suficiente, afim de que considerações sobre, não fiquem soltas ou descontextualizadas.

E dentro do Educar pela pesquisa, essa abordagem não deve ser diferente, sendo a língua portuguesa (doravante LP), considerada elemento de partida para as outras disciplinas, no que tange leitura, compreensão, interpretação e construção de textos que irão ilustrar e/ou direcionar o conhecimento adquirido em todas as áreas pesquisadas.

É importante ratificar aqui o valor do estudo na Norma culta padrão da LP, mesmo ela estando diretamente ligada ao processo de mudança que envolvem aspectos sociais, culturais e políticos que vem ocorrendo ao longo do tempo. Acreditar que as concepções linguísticas dependem exclusivamente do ensino da Gramática é equivocar-se, mas defender a eliminação de seu ensino é contribuir para a perpetuação de uma geração que desconhecerá o uso da tradição gramatical como fonte de ascensão intelectual. O gramático Evanildo Bechara defende:

[...] a língua familiar, por exemplo, deve ser aceita e estudada a partir do ponto de vista linguístico, porém não deve ser ensinada e/ou aprendida na escola, uma vez que este lugar é visto para aquisição e construção de conhecimento científico, o que vai determinar a diferença destes espaços. (BECHARA, 2002, p. 89)

A partir dessa visão, o que se deve esperar de um professor de LP no contexto da sociedade atual, também pode ser ilustrado pelas palavras de Bechara quando diz:

A tarefa do linguista é examinar a língua sem se preocupar com o tipo de variedade, se é variedade regional, se variedade familiar, se é variedade culta. Ele estuda a língua como a língua se apresenta. Já o professor de português, não. O professor de português tem outra tarefa. Se o aluno vem para a escola, é porque ele pretende uma ascensão social. Se ele pretende essa ascensão social, ele precisa levar nessa ascensão um novo tipo de variante. Não é uma variante que seja melhor, nem pior. Mas é a variante

que lhe vai ser exigida neste momento de ascensão social. (BECHARA, 2002, p. 109)

Imaginemos os pesquisadores idealizados por Demo, estudantes e professores, em busca da competência do conhecimento inovador, que partiram de um questionamento afim de criticar e intervir, para culminar em uma produção, independente de qual gênero for, sem embasamento considerado no mínimo aceitável, dentro da LP.

A proposta do Educar pela pesquisa, realizada dessa forma, acontecerá de forma insuficiente, pois sem o domínio da LP, o processo fica comprometido, pois não há como construir e reconstruir qualquer iniciativa de pesquisa, sem conhecer as etapas de construção do caminho da linguagem, que perpassam pela gramática, leitura e interpretação de textos.

Desta forma, isso torna-se um dos grandes entraves do Educar pela pesquisa, na área de linguagens, aqui representada pela LP, que é a falta de base do estudante que vem de um sistema educacional, por vezes desgastado, que já deveria ter encerrado um ciclo de ensino e aprendizagem, que não mais se encaixa no contexto atual.

Podemos ilustrar uma situação ao tratar Concordância Nominal e Verbal (CN e CV) com alunos de terceiro ano do Ensino Médio. A construção do conhecimento sofre um atraso no meio do processo, pois para compreender as partes deste eixo, é necessário que as classes gramaticais estejam para CN, assim como a análise sintática esteja para CV, conteúdos estes, que deveriam ter sido assimilados no nono ano do Ensino Fundamental, e que estivessem suficientemente claros, para uma compreensão do primeiro conteúdo. E este é apenas um dos exemplos que demonstram a necessidade de um bom estudo da LP.

Outro fator primordial que deveria ser competência de todos os componentes curriculares, mas é entregue com peso maior a LP, é a importância da leitura para um melhor desenvolvimento da compreensão e interpretação textual em todos os seus níveis, sejam eles uma mensagem escrita, uma linguagem visual ou uma associação entre ambas.

Como sujeitos inseridos dentro da sociedade da informação e do conhecimento, no intuito de realizar e tornar a pesquisa cotidiana, não cabe mais aqui discutir a leitura apenas como fomentação deste conhecimento, pois ela é parte intrínseca deste processo. Fatores como seu papel na compreensão linguística, leitura como forma de diferentes interpretações de um conteúdo, são princípios básicos para um pesquisador. De-

vemos ir além e potencializar o que confere subsidiar a leitura a favor do professor e do estudante, ponto que retomaremos no próximo capítulo deste artigo.

Portando, visando uma educação científica, com textos de rigor acadêmico, que possam ser compartilhados em todos os ambientes, há que se promover o estudo da LP ao patamar que antes lhe era reservado, em seu grau de erudição, e tratada como um bem cultural comum, que todos possam alcançar e compreender os níveis de linguagem e como disse (BECHARA, 2002, p. 69) “tornar-se poliglota do próprio idioma”.

3. As ações do professor do educar pela pesquisa na sociedade do conhecimento

Ao pensar em uma palavra nuclear para essa nova fase da educação, surgiram basicamente a escola, o estudante, a pesquisa, o método, o professor. Talvez a junção de todas, desempenhando seu papel sob um viés da educação na sociedade do conhecimento, consiga ilustrar o que é o Educar pela pesquisa na prática. Porém elegemos o professor como peça fundamental para nortear todo este processo.

O educar pela pesquisa implica basicamente um professor leitor e que tenha um conhecimento profundo do seu componente curricular, uma vez que se faz necessário uma intervenção do primeiro para aquisição do conhecimento do estudante, que está sendo construído de forma nova e gradativa.

Um professor que não tem por hábito à leitura e a pesquisa terá maiores dificuldades para auxiliar o neófito nessa transformação pedagógica, não de inversão de papéis, mas de trabalho coletivo e democrático, onde ambos realizarão em conjunto o exercício da democratização do saber, como avalia Freire:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 12)

Partindo da reflexão de Freire, retomamos a questão da leitura, que precisa ser considerada como uma das possibilidades deste saber e foi apontada no capítulo anterior. Quando sugerimos ir além, significa reali-

zar intervenções a nível acadêmico nas problematizações que surgem em torno das práticas e estratégias de leitura. Papel este, que cabe ao professor, que a princípio deverá atuar como mediador no processo de escolha e viabilização dos materiais a serem trabalhados, para que posteriormente o aluno consiga trabalhar com mais autonomia.

Isso ocorre devido a uma falta de maturidade dos estudantes, de uma forma geral, em selecionar e relacionar espaços e produtos de leitura, que irão dar o devido suporte ao processo de aprendizagem dentro da pesquisa. Outro fator a ser considerado, é a vasta quantidade de informações expostas, sobretudo no meio digital. Desta forma, é necessário a orientação do professor, para uma prévia seleção.

Outro fator a ser observado, são algumas considerações muitas vezes descontextualizadas que recorrem sobre o estudante, no que diz respeito a seu desinteresse pela leitura. É necessário um olhar cauteloso, avaliando cada situação, afim de que a questão não se torne falácias sistematizadas por uma série de entraves que prejudicam os docentes no contínuo ato de ler.

É preciso intervir com ações que deverão ser apropriadas para o momento de transição do processo educativo. Práticas como levar o estudante a biblioteca da escola e deixar que ele faça uma “escolha livre” de leitura, a ser realizada em um tempo de estudo de 50 minutos, não é tão eficaz, pois dificilmente ele conseguirá encontrar algo que lhe agrade, e que seja possível iniciar e terminar dentro do tempo proposto.

E esta dificuldade predomina, por que ele não foi orientado ao longo de sua vida escolar a realizar tal tarefa. Varais de revista e jornais, “cantinhos da leitura”, caixinhas decoradas contendo meia dúzia de livros desinteressantes, entre outros, é o que vem sendo lhes ofertado ultimamente e também já não são tão eficazes, e não mais atendem o estudante da sociedade da informação, devendo ser reavaliados ou abolidos das chamadas práticas e estratégias de leitura que a escola deve promover. É preciso seduzi-lo, conforme afirma Pereira:

Acreditamos que o professor de Português/Literatura deve, antes de tudo, ser leitor e proporcionar aos alunos um convívio prazeroso com a leitura, possibilitando, pela leitura da palavra, a ampliação da leitura de mundo. (PEREIRA, 2016, p. 58)

É preciso recuperar o leitor, e dentro do ambiente escolar, essa tarefa é do professor, que necessita partir para o enfrentamento do texto, desde a prévia seleção de bons materiais, que seguirão o perfil do estu-

dante, já conhecido e estudado pelo docente, até a leitura a princípio coletiva e orientada, provocando a discussão e a reflexão do texto, não ficando apenas na leitura superficial que aponta tempo, espaço e personagens.

Da mesma forma, isso também deve ocorrer com os textos científicos, o professor orientará a leitura, apontando conceitos, regras, relações, até formar a autonomia do aluno. Ainda seguindo o pensamento de Pereira:

[...] o aparente distanciamento de leitores face às obras literárias prejudica, em nosso entendimento, a construção de leitores autônomos, muitas vezes, pela dificuldade de leitura do literário para além da ideia de “passa-tempo”. (PEREIRA, 2016, p. 60)

Dessa forma, se não temos autonomia na leitura, tão pouco teremos na escrita. Portanto ao considerar a metodologia de ensino do Educar pela pesquisa, inserida dentro de uma nova sociedade, onde encontraremos outras configurações de sujeito, que chegarão a escola em busca de algo que não seja somente a aula, o papel do professor é ser um eterno buscador de toda informação e conhecimento possível, afim de que possa fomentar, despertar e provocar neste sujeito a reflexão e a crítica, presentes no atual contexto.

3. *Apreciar a avaliação*

A avaliação é um dos mecanismos mais preocupantes dentro do Educar pela pesquisa, e que deve ser avaliado – e a redundância aqui é proposital – e reavaliado se necessário, e envolvendo todas as etapas anteriores tratadas neste artigo afim de que se alcance de forma satisfatória o limite e/ou a abrangência esperados para esta metodologia de ensino.

A sociedade de maneira geral vem absorvendo o conceito do Educar pela pesquisa, como uma escola sem provas, onde o aluno aprenderá e será avaliado de outras formas. O que está correto, porém como parte integrante e atuante, dentro deste processo, entendemos que isso é bem maior que somente um instrumento de avaliação deste aluno.

É necessário compreender qual é o papel da avaliação dentro deste processo educativo, que em um primeiro momento, podemos elencar como premissa, torná-la prática contínua e diária, afim de que possam ser observadas todas as etapas de aprendizagem do estudante, usando-a como desafio para tal, ponto culminante na visão de Hoffmann:

O objetivo da avaliação é a aprendizagem. Na sala de aula é acompanhar o processo da construção da aprendizagem do aluno. E a avaliação sem esse foco, sem esse acompanhamento, perde seu significado essencial. (HOFFMANN, 1992, p. 43)

Processando todo o ato pedagógico desenvolvido pelo professor, no que confere planejar, executar, replanejar, e avaliar – entendendo que esta última ação, pode e deve transitar de maneira não linear entre todas –, o que configura todo caminho para a aprendizagem, tenciono a questionar, se isso pode ser feito de forma a produzir um resultado claro e esperado?

Uma avaliação baseada em um quantitativo de produções, e/ou de registros de pesquisas, usados ainda como comprovantes da atuação escolar do aluno, como efeito de documentar suas ações, seriam o caminho para essa aprendizagem dentro do Educar pela pesquisa?

É possível perceber e estabelecer uma diferença deste ato pedagógico, que parte da pesquisa e culmina na avaliação como um caminho para a aprendizagem e o considerado tradicional, que compreendia lousa, explicação, exercícios, aplicação e correção de prova?

São questões importantes que para serem respondidas com propriedade, devem ser tratadas com muita cautela, observando se todas as ações realizadas durante os momentos de estudo, estão sendo eficazes na tentativa de verificar se o estudante aprendeu e/ou evoluiu dentro deste processo.

E mais uma vez, o professor é palavra nuclear que compreende toda essa metodologia de ensino. Ele entrará como um mediador, auxiliando, desafiando, trabalhando a crítica e autocrítica, fomentando a iniciativa, definindo uma linha a ser percorrida pelos estudantes, para que se tornem o autor da reconstrução do conhecimento, idealizado por Demo.

Porém para a obtenção do sucesso, dentro de toda esta perspectiva de reavaliação das práticas educativas, alguns fatores pragmáticos devem ser considerados. O primeiro e mais importante é o número de alunos que ocuparão cada espaço de estudo, que não deve ultrapassar de quinze, ficando comprometido o processo se isto ocorrer.

Podemos observar que (HOFFMANN, 1992, p. 75) afirma “que o grande problema, é o professor criar uma série de atividades e esperar que todos os alunos reajam da mesma forma.” E dentro da avaliação dita tradicional, quando o aluno não alcança a nota desejada, ele sente-se culpado, o que não deveria ocorrer, pois cada um vai aprender aquele objeto

de conhecimento de forma singular e própria, partindo de toda sua experiência de vida. Desta forma, é necessária uma avaliação de fato individualizada.

Isso não acontecerá de forma adequada com turmas de 25, 30, 40 alunos. O professor não conseguirá avaliar de fato, individualmente cada estudante, dentro de cada contexto sociocultural, o reflexo dessa aprendizagem. É preciso tempo para observar, planejar e replanejar procedimentos adequados para que esta avaliação se torne viável. E este tempo se faz necessário dentro dos momentos de estudo em sala, tanto individual, como coletivamente.

Outra questão, e esta deve estar associada a gestão escolar, é a indisciplina exacerbada que por vezes ultrapassa os limites estabelecidos para um ambiente de aprendizagem. Fator este que deve ser tratado com rigor, para que não se torne um entrave diante de qualquer processo educativo, que a escola atue.

Devido a novas configurações de uma sociedade que tem a liberdade como grande instrumentadora de seus atos, sobretudo entre os jovens, os papéis precisam estar bem definidos no que tangem direitos e deveres dentro da instituição escolar, e precisam envolver a família como principal preceptora deste trabalho.

Ser professor é sempre cuidar para que o aluno aprenda, neste sentido também retomamos o papel de grande importância, que tem a avaliação, e que aponta Hoffmann:

[...] enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. (HOFFMANN, 1992, p.148)

Compreendemos que mais uma vez, o professor é uma das principais chaves para que o caminho para essa avaliação seja possível. A partir de seu olhar individual, de seu olhar ao grupo, ele conduzirá suas ações no intuito de que cada aluno possa aprender respeitando seus limites de recepção e compreensão.

4. Considerações finais

Trazer uma metodologia de ensino como o Educar pela pesquisa, a uma sociedade, que tem como protagonista aquele que produz conteú-

do, e não é mais dependente apenas do que já está pronto, não é apenas inovar, é talvez fomentar o início para outra caminhada rumo a uma educação mais consistente.

Trata-se de um processo, que deve haver um tempo de maturação, afim de que se estabeleça as melhores formas para trabalhar com essa nova concepção de ensino e/ou aprendizagem, formas essas, que serão forjadas pelo empírico e pela pesquisa, no trabalho contínuo do professor e do estudante.

O professor pode ser uma das chaves-mestra para a concretização desta proposta. Por essa razão, é requerido um perfil de docência, que saiba atuar positivamente e criticamente com o que ela oferece, e compreenda as mudanças que seu uso imprimirá em sua prática pedagógica.

Dentro da LP, o professor há de ter como gêneros catalisadores, a gramática e a leitura, usadas não somente como regra, mas como empoderamento de saber construtivo, respeitando as variações linguísticas, mas sempre nivelando seu estudo e compreendendo que por vezes, é o padrão que nos unifica.

No que tange a avaliação, devemos tratá-la como o poema metalinguístico *Catar feijão*, de João Cabral de Melo Neto:

Catar feijão se limita com escrever: joga-se os grãos na água do alguidar e as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. (MELO NETO, 1999, p. 56)

A analogia é feita de forma sublime com a escrita, uma vez que os grãos são as palavras que são colocadas no papel e que serão catadas, pesquisadas, separadas com cautela, sobrando as melhores que auxiliarão e darão sentido na construção de um texto.

Podemos entender que *O catar feijão*, não se encaixa somente na avaliação, mas em todo este processo educativo, pois temos que criar, investigar o que é relevante, retirar os excessos, trabalhar as dificuldades e deixar prevalecer uma organização, para oportunizar ao estudante uma dimensão onde o fulcro será autoria individual e coletiva, concomitante com seu desenvolvimento pessoal crítico-reflexivo, que o tornará o protagonista da sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *O ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 2002.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional Edusp, 1976.
- DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- _____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação – mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1992.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- MELO, J. C. N. *Catar feijão*. In: _____. *Obras completas*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- PEREIRA, Danglei de Castro. Literatura e formação de leitores: o texto literário e a sala de aula. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 9, 2016, p. 56-72, Sinop: Unemat, 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2337/0>Acesso em: 11 março. 2021.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola: perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.
- SQUIRRA, S. C. M. Sociedade do Conhecimento. In: MARQUES DE MELO, J.M.; SATHLER, L. *Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 56-71.